Territorialidades do Comércio em São Paulo *

Antônio Cláudio M. L. Moreira

acmlemor@usp.br

Resumo

Este trabalho identifica as territorialidades do comércio no Município de São Paulo. Utiliza dados da PAEP - Pesquisa sobre a Atividade Econômica Paulista e da RAIS - Relação Anual de Informações Sociais, ambas de 1996 e 2001. Compara as informações coletadas com outros estudos sobre a estrutura urbana de São Paulo. Propõe hipóteses explicativas das lógicas que definem os atuais padrões de localização das atividades econômicas.

Introdução

Este trabalho integra a pesquisa "Territorialidades da Globalização em São Paulo", desenvolvida no LabPlan – Laboratório de Planejamento Urbano e Regional da FAUUSP, com financiamento da FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa no estado de São Paulo.

Ele identifica as territorialidades dos empregos no comércio no Município de São Paulo; e as territorialidades do valor adicionado no comércio varejista também no Município de São Paulo, ambos em 1996 e 2001. Para este fim utiliza dados da PAEP – Pesquisa sobre a Atividade Econômica Paulista referentes aos anos de 1996 e 2001, bem como dados da RAIS - Relação Anual de Informações Sociais também referentes aos anos de 1996 e 2001.

Em uma perspectiva histórica, compara as informações coletadas com o PUB - Plano Urbanístico Básico de São Paulo realizado em 1968, com os estudos de Eduardo Nobre (2000) sobre a nova centralidade à margem do Rio Pinheiros, e com os estudos de Raquel Rolnik (2000) sobre a zona leste de São Paulo.

---

* Participaram deste trabalho: **Antônio Cláudio Moreira Lima e Moreira**, Professor Associado da FAUUSP, responsável pela pesquisa, **Maria Cristina da Silva Leme**, Professora Titular da FAUUSP, **Suzana Pasternak**, Professora Titular da FAUUSP, **Estela Macedo Alves**, arquiteta, bolsista da FAPESP, **Luciana Chakarian**, arquiteta, bolsista da FAPESP, **Vivian Natália Markarian,** estudante de arquitetura, bolsista da FAPESP.

Este trabalho procura estabelecer hipóteses sobre as lógicas que definem os padrões atuais de localização das atividades econômicas e sobre as mudanças e permanências observadas dialogando com outros estudos recentes realizados sobre o município e a Região Metropolitana de São Paulo.

Evolução dos empregos

O período observado, 1996 – 2001, é possivelmente o período de maior impacto da globalização econômica sobre a estrutura dos empregos e sobre a distribuição territorial dos empregos na área urbana do município de São Paulo.

No início dos anos 90 ocorreu uma grande abertura do mercado brasileiro a produtos importados, bem como uma grande abertura das empresas brasileiras ao capital estrangeiro. Ambas promoveram, e continuam promovendo, a reestruturação produtiva da indústria, do comércio e dos serviços. Esta reestruturação foi caracterizada pela terceirização de atividades das empresas, por fusões e aquisições de empresas, e pela reorganização da cadeia produtiva com maior participação de componentes importados e maior mecanização da produção.

Em São Paulo, núcleo da economia brasileira, houve um forte impacto, da globalização econômica sobre a estrutura dos empregos. Este impacto é evidenciado pelo decréscimo dos empregos formais, pela significativa redistribuição dos empregos entre os setores da atividade econômica (indústria, comércio e serviços); e por significativa alteração da espacialidade dos empregos no território da cidade**.**

Tabela 1- Pessoal ocupado em 1996 e 2001, por setor de atividade

	1996	2001	1996 (%)	2001(%)
Indústria	797.705	524.944	33,12	23,14
Comércio	490.828	515.756	20,38	22,74
Serviços*	1.118.207	1.225.649	46,42	54,03
Total	2.408.736	2.268.350	100,00	100,00

* Inclui serviços financeiros

Fonte: Tabulações especiais do SEADE, dados brutos RAIS/CEMPRE

Elaborada pelo LabPlan-FAUUSP

De fato, de 2,41 milhões de empregos em 1996, São Paulo passou a ter quase 2,27 milhões de empregos formais em 2001, ou seja, um decréscimo de mais de 140 mil empregos formais, 5,83 % no período de cinco anos.

Decresceu o setor industrial cujos empregos formais eram quase 798 mil em 1996 e passaram à quase 525 mil em 2001. Este decréscimo é o resultado da reestruturação produtiva da indústria que promoveu, ao mesmo tempo, a produtividade do trabalho e a terceirização de atividades características do setor terciário da economia, tais como limpeza, vigilância, alimentação, e serviços administrativos.

A pergunta que pode ser colocada é: para onde está indo esta força de trabalho? Uma possibilidade é o aumento da taxa de desocupação aberta, segundo o PNAD em torno de 5% em 1995 (Cacciamali, 2004: 222). Segundo esta autora, "se fossem computados os níveis de subemprego, conforme metodologia da Fundação SEADE, a taxa de desemprego ascenderia a cerca de 15% da PEA.

Outra resposta pode estar sendo dada pelo aumento dos empregos informais. Na RMSP observa-se um aumento constante do percentual de pessoas classificadas pelas PNADs como por "conta própria", de 11,09% da PEA em 1970 para 19,36% em 1995. O auto emprego é uma das estratégias de sobrevivência exercida por pessoas com dificuldade de reemprego.

Outra resposta ainda pode estar sendo dada pelo aumento dos empregos no comércio e nos serviços, como ocorreu no período de 1996 a 2001. De fato, cresceu o setor de prestação de serviços cujos empregos formais eram 1,118 mil em 1996 e passaram a 1,226 mil em 2001, correspondendo a um aumento de 107 mil empregos, 9,61 % no período de cinco anos.

Cresceu também o setor comércio cujos empregos formais eram 491 mil em 1996 e passaram a 516 mil em 2001, ou seja, um aumento de 25 mil empregos formais, 5 % no período de 5 anos.

Persistência da forma centro-periferia

Persiste a relação centro-periferia que vem sendo utilizada para descrever a estrutura urbana de São Paulo (Caldeira, 2000). De fato, quase 74 % dos empregos na área urbana do município de São Paulo estão situados em 34 distritos censitários contíguos e centrais da

cidade. Os demais empregos estão dispersos por 62 distritos censitários que compõem a periferia da cidade.

Modificou-se, entretanto a relação centro principal e centros de bairros como descrita em estudos anteriores "Aglomeração Urbana de São Paulo" (SAGMACS, 1957) e PUB - Plano Urbanístico Básico de São Paulo (Consorcio Asplan, Daily, Montreal, Wilbur Smith, 1968). Em lugar destes centros há hoje um centro expandido, o entorno deste centro expandido, e a periferia.

Em 1968, segundo a descrição no PUB - Plano Urbanístico Básico de São Paulo, estavam no centro 59,2 % dos empregos em serviços (250.989) e dos empregos públicos (61.137). No anel em torno ao centro predominavam os empregos industriais 53,7%. (PUB, 1968: 126)

Hoje, a área que denominamos como centro expandido é o território de maior concentração de empregos da cidade. Reúne quase 43 % dos empregos de São Paulo. É composta por 13 distritos censitários[1]. Estende-se desde o Centro Tradicional até as margens do Rio Pinheiros. Tem por atividade predominante a prestação de serviços – 64 % dos empregos nesta área.

O entorno do centro expandido, composto por 22 distritos censitários [2], é também uma área de grande concentração de empregos da cidade, embora com menor densidade e com estrutura de empregos mais diversificada do que o centro expandido. Reúne 33 % dos empregos de São Paulo. Tem por atividade predominante a prestação de serviços.

A periferia, composta por 61 distritos censitários, reúne 24 % dos empregos da cidade e tem estrutura de empregos mais diversificada do que o centro expandido e seu entorno.

A distribuição de empregos mostra portanto a desconcentração concentrada das atividades econômicas, processo que já começava a ser identificado no PMDI – Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado da Grande São Paulo (Consorcio ASPLAN, Daily, GPI, Neves e Paolielo, 1970) que o descreve como centro expandido, e que mais recentemente foi denominado por Pires e Dias (2000) como "megaforma" .

---

[1] Distritos que compõe a área de maior concentração de empregos de São Paulo, pela ordem de quantidade de empregos: Itaim Bibi, Jardim Paulista, Santo Amaro, Bela Vista, Pinheiros, Vila Mariana, República, Sé, Lapa, Consolação, Moema, Campo Grande e Barra Funda.

[2] Distritos que compõe o entorno do centro expandido, pela ordem de quantidade de empregos: Santana, Ipiranga, Santa Cecília, Mooca, Vila Maria, Brás, Butantã, Campo Belo, Jabaquara, Tatuapé, Bom Retiro, Jardim São Luis, Saúde, Vila Leopoldina, Belém, Cambucí, Sacomã, Perdizes, Vila Guilherme, Liberdade e Socorro.

Uma das causas importantes para esta transformação foi a estrutura viária que se configura a partir da década de 70, criando novas acessibilidades. Meyer, Grostein e Biderman (2004) observam que as obras viárias realizadas dentro do município[3] e na região metropolitana viabilizaram um novo padrão de localização das atividades econômicas.

Nos espaços periféricos, as novas acessibilidades propiciadas pela implantação de avenidas foram o suporte para a localização de grandes equipamentos de comércio (shopping centers, hipermercados) e serviços de educação e saúde, caracterizando um novo momento no processo de ocupação urbana. Segundo estas autoras "setores específicos da periferia passam a ser objeto de interesse do mercado imobiliário formal para a implantação de empreendimentos de diversos tipos, desde edifícios residenciais isolados ou formando conjuntos até equipamentos de consumo associados ao terciário moderno, como shopping centers, hipermercados e lojas de franquias de diferente natureza, entre outros, empreendimentos que até os anos 90 não existiam afastados do centro expandido" (Meyer, Grostein e Biderman, 2004: 87).

Estrutura e territorialidade dos empregos

[3] Como importantes ligações intra-urbanas destacam-se na zona leste:a avenida Radial Leste ampliou as possibilidades de acesso aos bairros populares da zona leste, entre eles Itaquera e Artur Alvim, e, conjugada à via elevada construída sobre a avenida São João no centro, estabeleceu uma conexão expressa no sentido leste-oeste. Ainda na zona leste a abertura da avenida Aricanduva facilitou a ligação com o centro, além da conexão com o município de Guarulhos e do acesso às estações da linha leste-oeste do metro; o trecho Sé-Brás foi inaugurado em 1979 e a conclusão total da linha em 1988. A avenida dos Bandeirantes estabeleceu um elo entre as marginais Tietê e Pinheiros e a rodovia dos Imigrantes, passando também pelo aeroporto de Congonhas e facilitando o acesso aos bairros do Morumbi, Brooklyn, Vila Olímpia, Jabaquara e Saúde. A sudoeste, a avenida Eliseu de Almeida permitiu uma nova ligação entre as rodovias Régis Bittencourt e Raposo Tavares. Na zona norte, as novas avenidas Engenheiro Caetano Álvares e Brás Leme possibilitaram uma melhor estruturação interna aos bairros de Santana, Casa Verde e Limão.

Como ligações interurbanas destacam-se: a rodovia Castelo Branco, inaugurada em 1968, fundamental para os deslocamentos entre os municípios situados a oeste da capital, facilitando a ligação entre São Paulo, Osasco, Barueri, Santana de Parnaíba e Carapicuíba. Essa nova conexão metropolitana facilitou a instalação de núcleos autônomos, conforme exposto anteriormente. A rodovia dos Imigrantes (1974), no sentido sul, permitiu uma rota alternativa para a Baixada Santista e para a região do ABC, desafogando o trânsito intenso da via Anchieta. A extensão da avenida do Estado (1970), também no sentido leste, criou uma nova e importante acessibilidade aos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Em 1982 foi inaugurada rodovia Ayrton Senna, projetada para desafogar o tráfego da rodovia Presidente Dutra, principal ligação com a cidade do Rio de Janeiro e com o vale do Paraíba. Essa rodovia, conjugada à rodovia Hélio Shmidt, construída na mesma ocasião, tornou-se a principal ligação regional com o aeroporto Internacional de Cumbica, em Guarulhos, inaugurado em 1985. Do ponto de vista regional, facilitou também o acesso aos municípios de Itaquaquecetuba e Mogi das Cruzes.

Esta nova estrutura paulistana de empregos ensejou em alguns estudos a interpretação de que São Paulo, antes o maior centro industrial da América Latina, agora é predominantemente uma cidade terciária, como ocorreu em outras cidades de grande porte também submetidas ao impacto da globalização econômica. Aparentemente São Paulo deixou de ser uma cidade industrial. Este vem sendo tema de discussão na cidade de São Paulo. Inúmeros trabalhos tratam deste tema.

Comin e Amitrano (2003) consideram que realmente houve queda na participação da indústria na capital paulista. Mas alertam para o crescimento dos serviços ligados à indústria, que vem desconcentrando parte dos seus serviços, num processo de terceirização ligado a uma nova re-engenharia de produção. Assim, a terciarização da economia paulistana não seria devida a um aumento real dos serviços, mas à terceirização de atividades antes realizadas dentro das empresas. Segundo estes autores, "o processo observado em São Paulo (referem-se à metrópole) não parece mostrar serviços tomando o lugar da indústria. Ao contrário, os serviços se expandem porque a indústria permanece vigorosa (dentro dos constrangimentos impostos pelo enfraquecimento da performance macro-econômica global brasileira). Isto não invalida a descoberta que a indústria realmente contraiu sua proporção na economia da RMSP, mas auxilia a entender porque uma parte substancial das atividades industriais que se desconcentraram o fez de forma concentrada, tanto por expansão do antigo cinturão metropolitano para o interior do estado, ou para a constituição de uma nova centralidade Centro-Sul, no contexto do que Campolina chama desenvolvimento poligonal. A RMSP continua a ser o pólo magnético para a indústria brasileira, mesmo com a extroversão da economia brasileira." (Comin e Amitrano, 2003, p 15).

Esta nova estrutura paulistana de empregos enseja também a interpretação de que há uma nova centralidade em São Paulo, situada na margem do Rio Pinheiros, como ocorreu em outras cidades de grande porte, também submetidas ao impacto da globalização econômica. A questão é controversa e vem sendo tratada por vários autores, como nova centralidade (NOBRE, 2000), ou como o deslocamento de centro em direção aos bairros da população de alta renda (Villaça,1998).

Entretanto os empregos na área que denominamos como centro expandido, cresceu muito pouco, 1,85 % no período 1996 – 2001, passando de 948 mil empregos em 1996 a 965 em 2001. Assim, se há uma nova centralidade em São Paulo, e de fato esta nova centralidade

existe, ela é anterior ao grande impacto da globalização sobre a estrutura de empregos de São Paulo.

Territorialidade dos empregos no comércio

Em 1968 era possível observar na planta de usos do solo urbano de São Paulo, como a mancha das atividades de comércio na área que hoje denominamos como Centro Tradicional se destacava entre as demais. Conforme descrevia o PUB – Plano Urbanístico Básico de São Paulo (1968, p.107) esta era a única área da cidade que apresentava as características de "downtown".

Segundo este Plano, esta área "se expande dos dois lados do vale do Anhangabaú, na altura do Chá, alcançando como limites mais ou menos definidos praça Clóvis Beviláqua, a Leste, e o largo do Arouche, a Oeste. Esta área apresenta predominância de edifícios altos (índices médios de utilização entre 4,06 e 8,59) com comércio no térreo e nos primeiros pavimentos, e com escritórios nos andares superiores" (op. cit. p. 107) e aponta a primeira tendência de deslocamento do centro: "Outra área que vem apresentando a mesma tendência para constituir-se numa segunda 'downtown' é a região do espigão ao longo do eixo da avenida Paulista. Nesta artéria e em algumas transversais e paralelas vem se notando, ha alguns anos, a tendência à construção e ocupação intensiva de edifícios de escritórios" (op. cit. p. 107).

Ainda em 1968 este Plano mencionava a existência de centros secundários: "Alguns bairros apresentam manchas comerciais de relativa importância, na maioria centros polarizadores de segundo nível, ou seja, que oferecem serviços em escala inferior à oferta do Centro Metropolitano, sem com ele competir. Entre estes podem ser destacados os centros de Santana, Osasco. Pinheiros, Santo Amaro, Santo André, São Bernardo São Caetano do Sul, Penha, Guarulhos e Brás-Mooca. De modo geral, são áreas de construções baixas com comércio no térreo ou na frente e residências em cima ou nos fundos. As construções elevadas nesses centros são bastante recentes não chegam a predominar sobre as demais, exceto no centro de Pinheiros." (op. cit. p. 108)

Este Plano destacava também os corredores de comércio: "Algumas vias urbanas, principalmente as que fazem ligação com o Centro (radiais), apresentam a característica de

vias comerciais dentro de zonas predominantemente residenciais. Representam quase que prolongamentos do centro, zonas lineares de concentração de serviços. Na maioria dos casos ocorrem em vias utilizadas pelo transporte coletivo. Entre os corredores mais importantes destacam-se os seguintes: avenida São João - Centro da Lapa, Avenida Paulista - Domingos de Morais, rua Iguatemi - Avenida Santo Amaro - Avenida Celso Garcia - Avenida Rangel Pestana - Centro da Penha - Rua da Mooca e rua Voluntários da Pátria." (op. cit. p. 109).

Mais recentemente, Villaça (1998) estuda a evolução do centro principal de São Paulo e conclui pela sua partição e pelo deslocamento de uma de suas partes na direção dos bairros de moradia da população mais rica. Segundo este autor, "o dito novo Centro principal da cidade era diferente do anterior, pois não reproduzia, como ele, uma nova versão do Centro 'velho': era um novo tipo de centro, atomizado, fragmentado, expandido e constituído por uma nuvem de áreas especializadas, misturado com vários tipos de áreas residenciais" (op. cit. p. 265). A seguir afirma que "o chamado Centro expandido (da zona da Paulista até a marginal do Rio Pinheiros) não representa para a área metropolitana de São Paulo da década de 1990 o que o Centro velho da década de 1950 representava para a área metropolitana de então, em termos de concentração e variedade equilibrada de comércio e serviços e, ainda, em número de empregos" (op. cit. p. 265).

Nobre (2.000) estuda o desenvolvimento de atividades terciárias ao longo do Rio Pinheiros e conclui pela existência de um "novo centro" determinado pela globalização das atividades econômicas de São Paulo. Segundo este autor, "Do ponto de vista do setor de atividade, pode-se constatar que em 1975 o Centro concentrava as sedes das empresas financeiras (87%), das empresas de serviços especializados (60%) das empresas industriais (43%) e das empresas de serviço (43%) enquanto a Região da Paulista despontava como a preferida do setor comercial, concentrando 60% da sede dos maiores grupos. Vinte e três anos mais tarde, a situação inverteu-se com a marginal sediando vinte e nove das setenta e uma empresas mapeadas (41% do total) a Paulista aumentando um pouco a concentração, passando para 21%; e o Centro caindo para treze empresas, representando 18% do total" (op. cit. p.200).

Rolnik (2.000) em seus estudos sobre zona leste de São Paulo, indica as territorialidades do comércio nesta região da cidade: "... a distribuição generalizada de áreas comerciais e de serviços pelas quadras da região,... a concentração do comércio e serviços no Centro - em partes dos distritos do Brás, Pari, Belém, Mooca e Tatuapé – bem como em

pequenos focos que conformam os sub-centros dos bairros nos distritos da Penha, São Miguel Paulista, Itaquera, Tatuapé, Vila Formosa, Vila Prudente, Água Rasa etc, e .... a distribuição de áreas comerciais em trechos de alguns eixos estruturais da região conformando pequenos corredores comerciais. Segmentos de avenidas como Salim Farah Maluf, Sapopemba, Aricanduva, São Miguel etc. atraem pequenos comércios e serviços que não chegam a constituir um pólo mas possui importância local" (op. cit. p. 44-45)

Pires e Dias (2000) em trabalho do Instituto Florestan Fernandes intitulado "São Paulo: dinâmicas e transformações" utiliza a expressão "megaforma" para identificar o território das atividades centrais dispersas. Segundo este estudo: "Confirmando a idéia de que a arquitetura metropolitana terciária é a conjugação de vários e diferentes programas articulados em grandes formas complexas, em uma megaforma, observa-se no mapa que localiza os pólos geradores de tráfego a combinação desses edifícios de escritórios e hotéis com supermercados, hipermercados, shopping centers, faculdades, hospitais, teatros, cinemas, clubes, restaurantes e danceterias combinados em um mesmo vetor (Sudoeste) que afirma as vertentes do espigão da Paulista e as margens do Rio Pinheiros como o centro do terciário avançado da metrópole" (op. cit. p.8).

Hoje, a configuração das centralidades terciárias (comércio e serviços) em São Paulo é muito diferente. Nos anos de 1996 e de 2001, a característica básica da localização dos empregos comerciais é a sua dispersão pela área da cidade que denominamos como centro expandido e por sua envoltória sem hierarquia das centralidades no interior desta "megaforma".

Empregos no comércio por Distrito Censitário

O mapeamento dos empregos no comércio, nos anos de 1996 e 2001, por distrito censitário (mapas 7.2) revela a transformação da cidade polinucleada descrita pelo PUB em 1968, em uma cidade tendendo a um único centro expandido, no dizer de Villaça (1998, p.265), "atomizado, fragmentado, expandido e constituído por uma nuvem de áreas especializadas, misturado com vários tipos de áreas residenciais", em diferentes padrões de concentração de empregos, tanto menor quanto menor seja o nível de renda da população.

O mapeamento dos empregos no comércio em 1996, início de período considerado, quando já se faziam sentir os efeitos da abertura do mercado brasileiro ao comércio internacional, já indicava a tendência à formação de um único centro expandido – a "megaforma" a que se refere Pires e Dias (2000), revelando que as transformações nas territorialidades do comércio precede a abertura do mercado acima referida.

Este mapeamento revela e existência de um núcleo composto por três áreas de maior concentração do comércio em São Paulo, praticamente contíguas, a saber.

- O centro expandido, composto pelos distritos de Sé, República, Brás e Santa Cecília;
- O centro de bairro da Lapa (remanescente da cidade polinucleada), composto pelo distrito da Lapa;
- O agrupamento dos centros de bairro da região sudeste de São Paulo, composta pelos distritos de Campo Grande, Santo Amaro, Itaim Bibi, Pinheiros, Jardim Paulista, Moema, Vila Mariana, e Ipiranga.

Revela ainda a existência de uma área envoltória das áreas acima, com presença ainda significativa de empregos no comércio, composta pelos distritos de: Socorro, Butantã, Vila Leopoldina, Barra Funda, Perdizes, Consolação, Bela Vista, Casa Verde, Santana, Vila Guilherme, Vila Maria, Penha, Tatuapé, Aricanduva, Mooca, Vila Prudente, Sacomã, Cursino, Saúde, Campo Belo, e Jabaquara.

O núcleo acima referido reúne quase 37% da população empregada em comércio no ano de 2001. Por sua a vez a envoltória deste núcleo reúne quase 31% da população empregada em 2001. Os demais distritos, pouco expressivos em termos de quantidade de empregos no comércio, reúnem quase 31 % da população empregada no setor.

O mapeamento dos empregos no comércio em 2001, fim do período considerado, mostra uma significativa expansão da área de maior concentração de empregos e de sua área envoltória. De fato seu núcleo incorporou os distritos de Campo Grande, Pinheiros, Vila Mariana, Moema e Ipiranga. Por sua vez a sua área envoltória, incorporou os distritos de Sacomã, Vila Prudente, Aricanduva, Pari, Barra Funda, Perdizes e Socorro.

Empregos no comércio por Microzona Homogênea

O mapeamento dos empregos na atividade de comércio por micro zona homogênea (mapas 9.2) possibilita entender o que se passa no interior destas grandes áreas.

Este mapeamento revelou a ocorrência de algumas centralidades no interior da área de maior concentração de empregos no setor de comércio, a saber:

- Centro de Santo Amaro, Campo Grande, e Capela do Socorro;
- Chácara Sto. Antonio e Brooklin Novo;
- Itaim Bibi e Pinheiros
- Lapa e Barra Funda
- Sé e República
- Brás e Pari
- Vila Guilherme

A envoltória destas centralidades, ainda com significativa concentração de empregos no setor de comércio de São Paulo, praticamente interliga estas centralidades e compõe com elas a área contínua do núcleo de concentração de empregos no comércio de São Paulo.

Estas centralidades e suas envoltórias já existiam, com pequenas diferenças, em 1996. No conjunto, as microzonas que as compõem, reuniam 47 % dos empregados no comércio tanto em 1996 como em 2001. Ou seja, a mudança de base territorial destes mapeamentos, de distritos para micro zonas homogêneas, confirma a observação anterior de que a atual configuração do núcleo de atividades de comércio e de sua envoltória precedem a abertura do mercado consumidor brasileiro ao comércio internacional.

Comparativamente aos estudos anteriores acima mencionados, a mancha que constitui a nova configuração da área central de São Paulo é muito diferente da constelação de centralidades referidas no Plano Urbanístico Básico; e muito diferente do "novo centro" a que se referem Villaça (1998), Nobre (2000) e Pires Dias (2000). A evolução desta "megaforma" como a denominou Pires Dias (2000) assume a configuração de uma única e extensa nuvem de atividades comerciais, misturada com áreas residenciais de todos os tipos, mais extensa do que o velho e novo centro, mais densa nos bairros das camadas de alta renda, e pouco densa na periferia onde vive a população de baixa renda.

Esta nova conformação das atividades de comércio em São Paulo pode ser explicada como a continuação do processo de partição do Centro Principal de São Paulo, iniciada em 1950 (Villaça, 1998), e do deslocamento de parte deste centro em direção aos bairros da

população mais rica. Este deslocamento vai deixando atrás de si um rastro de atividades de comércio atomizadas e fragmentadas, como diria Villaça, uma nuvem de áreas especializadas misturadas com vários tipos de áreas residenciais.

Esta conformação atomizada e fragmentada do comércio é determinada pela precariedade dos transportes coletivos paulistanos que exacerba a tendência ao uso do transporte individual para as compras, principalmente da população mais rica. Nestas condições, a saturação do sistema viário e das áreas para estacionamento de veículos penaliza as concentrações de estabelecimentos de comércio e favorece a dispersão dos estabelecimentos para evitar os congestionamentos. Isto explica a expansão do núcleo da "megaforma" do comércio, em São Paulo, praticamente com a mesma quantidade de empregados no comércio.

A "nova centralidade" à margem do Rio Pinheiros é o fruto da ideologia da classe dominante que apresenta esta localização como uma nova centralidade característica da globalização econômica (Villaça, 1998). Na realidade é um "novo centro" das elites. O "novo centro" de toda cidade é a megaforma: uma única área comercial, praticamente contínua, sem hierarquização de centralidades no interior desta área.

Evolução do comércio varejista

O setor do comércio, assim como os demais setores da atividade econômica tem passado por importantes transformações nos últimos anos. A comparação dos dados da PAEP de 1996 e de 2001 evidencia as mudanças ocorridas.

Cresceu o número de empresas, cresceu a população ocupada, e cresceu a receita líquida do comércio varejista (tabela 2). Cresceram mais as grandes cadeias de lojas, empresas multilocalizadas com mais de 30 empregados, possivelmente como estratégia de enfrentamento da competição entre estabelecimentos comerciais e pontos de venda. Cresceram também as pequenas empresas, empresas unilocalizadas até 5 empregados, possivelmente como estratégia de superação do desemprego. Decresceram as demais empresas, empresas de médio e grande porte não integrantes de cadeias - empresas unilocalizadas com mais de 5 empregados, bem como as pequenas e médias cadeias de lojas – empresas multilocalizadas até 30 empregados.

Tabela 2 - Evolução do comércio varejista de São Paulo - Capital

Total	1996	2001	2001 - 1996
empresas	80.382	91.678	11.296
pessoal ocupado	680.788	713.108	32.320
receita líquida (milhões reais)	57.001	65.618	861

Fonte: PAEP – Pesquisa da atividade econômica paulista

Elaborado pelo LabPlan – FAUUSP

Mas este crescimento é diferenciado segundo o porte das empresas. (tabela 3). Ocorreu uma significativa concentração do comércio varejista nas grandes cadeias de lojas, bem como consolidação de dois circuitos de comércio varejista: um das cadeias de lojas, outro das pequenas lojas não organizadas em cadeias, como já fora observado por Bessa, Turpin e Sinder (1999) para o Estado de São Paulo em 1996.

O circuito composto pelas grandes cadeias de comércio varejista – empresas multilocalizadas com mais de 30 empregados – vem crescendo tanto em termos de pessoal como de receita líquida e é responsável, em 2001, pela significativa parcela de 75,8 % da receita líquida do setor.

O circuito composto por pequenas empresas não integrantes de cadeias de lojas – empresas unilocalizadas até 5 empregados – vem crescendo tanto em termos de quantidade de empresas como de pessoal ocupado, mas é responsável em 2001 por apenas 10,1 % da receita líquida do setor.

As demais empresas não integrantes destes circuitos - as empresas unilocalizadas com mais de 5 empregados e as empresas multilocalizadas com menos de 30 empregados – eram significativas em 1996 quando respondiam por 33 % da receita líquida do setor, mas perderam importância ao longo do período 1996-2001 passando a apenas 13,9 % da receita líquida do setor.

Tabela 3 - Evolução dos segmentos do comércio varejista de São Paulo – Capital

Multilocal c/ PO >= 30	1996	2001	2001-1996
Empresas	717	598	(119)
pessoal ocupado	237.840	332.234	94.394
receita líquida (milhões reais)	31.976	49.767	17.790
Unilocal c/ PO <= 5	1996	2001	2001 - 1996
Empresas	55.994	75959	19.965
pessoal ocupado	130.238	205.085	74.847

receita líquida (milhões reais)	6.202	6.658	445
Outras	1996	2001	2001 - 1996
Empresas	23.672	15.122	(8.550)
pessoal ocupado	276.710	175.788	(100.922)
receita líquida (milhões reais)	18.821	9.192	(7.310)

Fonte: PAEP – Pesquisa da atividade econômica paulista

Elaborado pelo LabPlan – FAUUSP

A evolução no período 1996 – 2001 mostra um significativo crescimento dos principais ramos de atividades que compõe o circuito do comércio varejista de grande porte, ou seja, um significativo crescimento das empresas com mais de 30 empregados, organizadas em cadeias de lojas (tabela 4).

Cresceram os hipermercados, supermercados, lojas de máquinas e aparelhos de uso doméstico, responsáveis, em 2001, por 49,2 % da receita líquida do setor.

Cresceram ainda, neste grupo, os ramos de vestuário, farmácias e perfumarias, material de construção e bazar e lojas de departamento, responsáveis, em 2001, por 20 % da receita líquida do setor.

Decresceram, neste período, os bazares e lojas de departamentos, possivelmente incorporados aos hipermercados e supermercados.

Tabela 4 – receita líquida dos principais ramos de atividade das grandes empresas

Ramo de atividade / receita líquida	1996 (%)	2001 (%)	1996-2001(%)
Hipermercados	16,0	26,3	
Supermercados	7,0	13,0	187
máquinas e aparelhos de uso dom	8,4	9,9	133
Vestuário	3,6	6,2	203
farmácias e perfumarias	3,1	4,2	259
materiais de construção	2,5	3,0	178
Bazar e loja departamentos	7,3	2,6	37

Fonte: PAEP – Pesquisa da atividade econômica paulista

Elaborado pelo LabPlan – FAUUSP

A evolução no período 1996 – 2001 mostra ainda um significativo crescimento dos principais ramos de atividades que compõe o circuito dos demais estabelecimentos de comércio varejista, ou seja das empresas multilocalizadas até 30 empregados e todas empresas unilocalizadas (tabela 5).

Este grupo era composto, em 2001, predominantemente por farmácias e perfumarias, materiais de construção, livraria e papelaria, alimentos e bebidas, vestuário, móveis e iluminação, informática e comunicação, supermercados, e pequenos mercados.

No período 1996 – 2001 estes ramos de atividades cresceram significativamente, exceto alimentos e bebidas, informática e comunicação, e pequenos mercados, estes, possivelmente incorporados aos supermercados.

Tabela 5 – receita líquida dos principais ramos de atividade das demais empresas

Ramo de atividade / receita líquida	1996 (%)	200 1 (%)	1996-2001(%)
farmácias e perfumarias	1,2	5,6	530
materiais de construção	2,4	3,0	148
livraria e papelaria	0,2	2,1	1345
alimentos e bebidas	5,4	1,9	40
vestuário	0,9	1,7	230
moveis e iluminação	0,9	1,5	186
informática e comunicação	3,0	1,5	58
supermercados	1,0	1,1	216
pequenos mercados	1,5	0,6	47

Fonte: PAEP – Pesquisa da atividade econômica paulista

Elaborado pelo LabPlan – FAUUSP

Segundo os dados da RAIS de 2001, o circuito de comércio varejista composto pelas grandes cadeias de lojas – empresas multilocalizadas com mais de 30 empregados, concentra-se predominantemente nos distritos de Santo Amaro, Pinheiros, Moema, Itaim Bibi, Jardim Paulista, República, Sé, Campo Grande, Lapa, Consolação e Vila Guilherme - a área preferencial da população de média e alta renda da cidade. Este circuito de comércio varejista comparece ainda, expressivamente, nos distritos de Bela Vista, Santa Cecília, Barra Funda, Brás, Tatuapé, Cursino, Vila Mariana, Saúde, Santana, Ipiranga, Socorro, Casa Verde, Penha, Butantã, Vila Prudente, e Vila Formosa. - também área preferencial da população de média e alta renda da cidade.

Segundo ainda os dados da RAIS de 200, o circuito de comércio varejista composto por empresas de menos de 30 empregados – empresas unilocalizadas e multilocalizadas até 30 empregados, ocupa o mesmo território das empresas de grande porte, bem como seu território

específico composto pelos distritos de Perdizes, Vila Maria, Cidade Ademar, Freguesia do Ó, Campo Belo, Aricanduva, Mooca, Jabaquara, Pirituba, Sacomã, Bom Retiro, São Mateus, e Água Rasa, a periferia mais próxima, área preferencial da população de renda média da cidade.

A evolução das territorialidades destes circuitos de comércio varejista no período 1996 – 2001 reflete a intensa reestruturação do setor. Neste período houve expansão do território dos dois circuitos de comércio acima referidos. O segmento das empresas de mais de 30 empregados incorporou os distritos de Ipiranga, Casa Verde, Barra Funda, Socorro, Vila Prudente e Tatuapé – todos no entorno de centro expandido. O segmento das empresas até 30 empregados incorporou os distritos de Sacomã, São Mateus, Água Rasa e Pirituba – todos na periferia da cidade.

As territorialidades do valor adicionado no comércio varejista

As territorialidades das atividades econômicas no meio urbano inferidas pela concentração de empregos não são, necessariamente, equivalentes às territorialidades das atividades econômicas inferidas pelo valor movimentado. A concentração da atividade econômica em estabelecimentos de médio e grande porte, geralmente com maior produtividade do trabalho, resulta numa distribuição territorial do faturamento diferente da distribuição territorial do emprego. Isto é evidente no setor de comércio varejista onde, as empresas com mais de 30 empregados concentravam 49,5 % dos empregos e 77,9 % do valor adicionado no setor , em 2001.

Assim para melhor identificar as territorialidades do comércio varejista procedemos ao mapeamento do valor adicionado no comércio varejista por micro zona homogênea utilizando como base de dados a PAEP de 1996 e de 2001.

O mapa 12.52 de 2001 confirma a ocorrência de algumas concentrações de comercio varejista (microzonas com valor adicionado maior do que 5 milhões de reais), que reúnem quase 29 % do valor adicionado no comércio varejista, situadas nos distritos de:

- Campo Grande, Santo Amaro, Itaim Bibi, Pinheiros e Moema, ao longo do Rio Pinheiros;
- Leopoldina, Lapa e Barra Funda, todos ao longo do Rio Tietê;
- República, Sé, Brás, o Centro Tradicional;

- Casa Verde;
- Vila Guilherme;
- Cidade Líder.

Este mapa confirma ainda a ocorrência de uma extensa área de comercio que interliga estes "pólos" compondo com eles a "megaforma" específica do comercio varejista, composta pelas microzonas homogêneas com valor adicionado entre 1,5 e 5 milhões de reais, que reúne aproximadamente 20 % do valor adicionado no comércio varejista de São Paulo.

Este mapa confirma ainda a dispersão dos restantes 51 % do valor adicionado no comércio varejista pelo restante da cidade – a periferia.

Estas territorialidades do comércio varejista são explicadas pela estreita correlação entre a renda familiar dos consumidores e o perfil do comércio que os serve. O comércio se organiza para atender os diferentes segmentos de renda familiar segundo o perfil de consumo de cada segmento, situado o mais próximo possível de seu mercado especifico, e condicionado pelo modo de acesso da população aos estabelecimentos de comércio.

Em São Paulo - Capital a renda é fortemente polarizada entre ricos e pobres. Por conseqüência há uma nítida segregação social e sua correspondente segregação territorial, que ensejam uma diferenciação do comércio segundo o estrato de renda a que serve. De fato, o mapa 12.52 de 2001 mostra a localização de parte significativa do valor adicionado no comércio varejista nos bairros de população de renda média e alta, bem como a pequena presença do comércio varejista nos demais bairros – predominantemente a periferia[4].

Em São Paulo – Capital o sistema viário é pouco hierarquizado (a maioria das ruas nas áreas de renda familiar mais alta são utilizadas para tráfego de passagem) e freqüentemente saturado em termos de tráfego de veículos. Nos bairros da população com renda familiar média e alta a preferência pelo transporte individual determina a dispersão dos estabelecimentos de comércio varejista para estarem mais perto de seus consumidores e menos sujeitos ao impacto dos freqüentes congestionamentos de tráfego. Nos bairros da população de baixa renda – a periferia - o deslocamento da população por transporte coletivo determina a localização dos estabelecimentos de comércio varejista ao longo do percurso deste modo de transporte, em "pólos" ou "corredores".

[4] O comércio informal, muito freqüente na periferia, não é alcançado pela PAEP que faz uma pesquisa censitária nas empresas com mais de 30 empregados e uma pesquisa amostral para os demais estabelecimentos

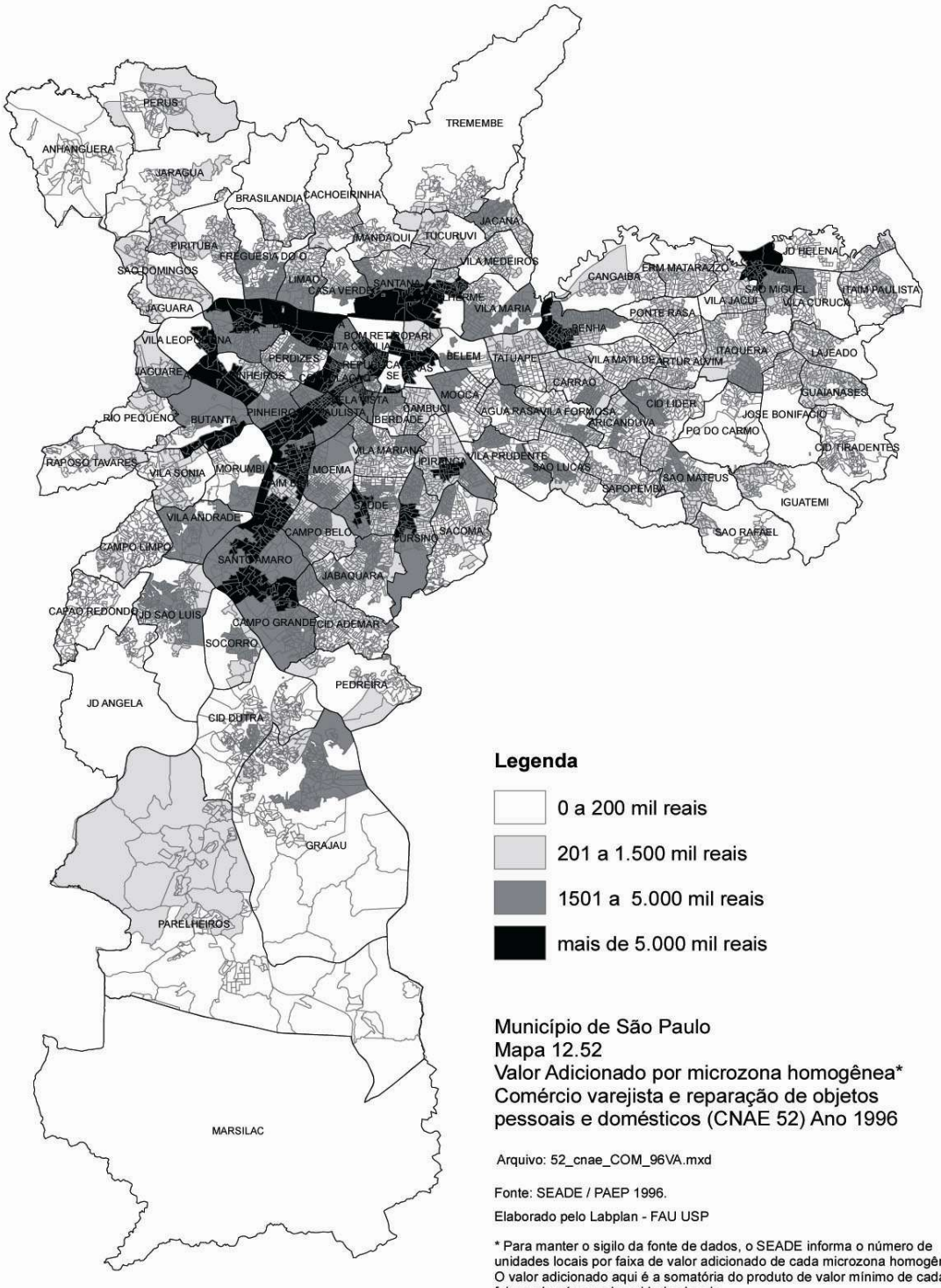
Considerações finais

Este é um trabalho de pesquisa em andamento. Pretende, com a continuidade das análises dos dados da PAEP 2001 comparados aos da PAEP 1996 avançar no estudo de hipóteses aqui delineadas. Neste sentido apresentamos nesta conclusão os temas que definem uma pauta de reflexão para a continuidade do trabalho de pesquisa.

A cidade de São Paulo, nos dias de hoje, não apresenta um centro de comércio varejista claramente identificável. Há 50 anos atrás ainda era possível identificar um centro principal e centros de bairros. Nos últimos 50 anos os estabelecimentos de comércio varejista, impelidos pelas dificuldades de acesso de seus consumidores ao centro principal e aos centros de bairro, foram se aproximando cada vez mais de seus mercados específicos.

Este movimento resultou no abandono do antigo centro (Centro Tradicional) e na dispersão do comércio varejista pelos bairros. Recentemente, a reestruturação do comércio varejista, na forma da concentração dos pontos de venda em redes, viabiliza maior produtividade do comércio ainda que disperso mediante menores custos de suprimento propiciado pela sua organização em redes de pontos de venda.

Mudanças nestas territorialidades do comércio varejista podem ocorrer. São previsíveis, mas de difícil quantificação. Podem ocorrer por força de alterações na acessibilidade aos pontos de venda decorrentes de obras públicas tais como novas vias, novos corredores de transporte coletivo, e novas linhas de transporte de massa. Podem ocorrer por conta de alterações na segregação territorial dos estratos de renda familiar, como já identificado por Caldeira (2000) nos distritos de Morumbi e de Vila Andrade, e por "gentrification" de áreas urbanas altamente qualificadas, como o conjunto habitacional do INOCOOP na Vila Madalena. Podem ocorrer ainda por alterações na renda familiar dos consumidores.



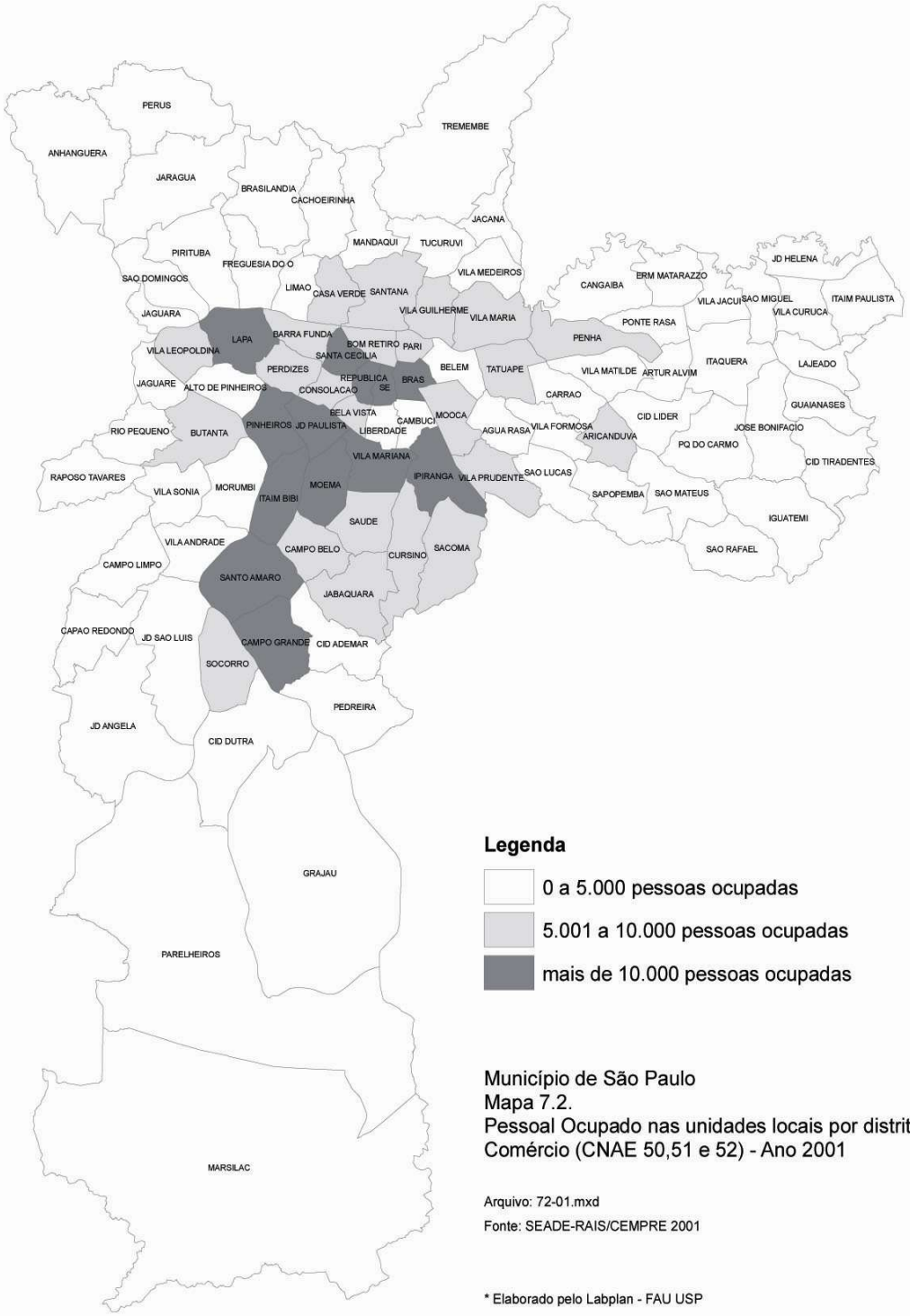
Município de São Paulo
Mapa 12.52
Valor Adicionado por microzona homogênea*
Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos (CNAE 52) Ano 1996

Arquivo: 52_cnae_COM_96VA.mxd

Fonte: SEADE / PAEP 1996.

Elaborado pelo Labplan - FAU USP

* Para manter o sigilo da fonte de dados, o SEADE informa o número de unidades locais por faixa de valor adicionado de cada microzona homogênea. O valor adicionado aqui é a somatória do produto de valor mínimo de cada faixa pelo número de unidades locais.

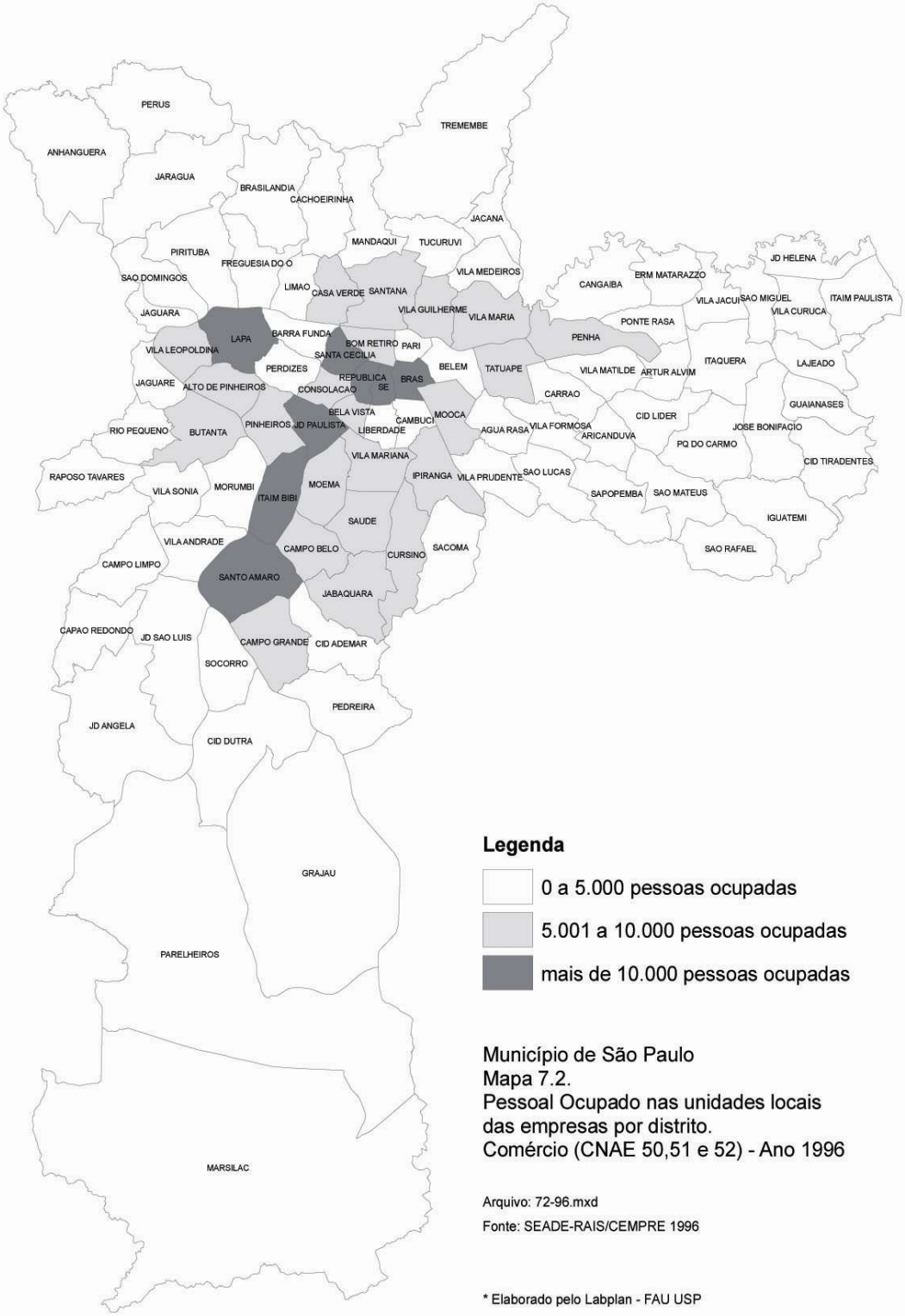


Município de São Paulo
Mapa 7.2.
Pessoal Ocupado nas unidades locais por distrito
Comércio (CNAE 50,51 e 52) - Ano 2001

Arquivo: 72-01.mxd

Fonte: SEADE-RAIS/CEMPRE 2001

* Elaborado pelo Labplan - FAU USP

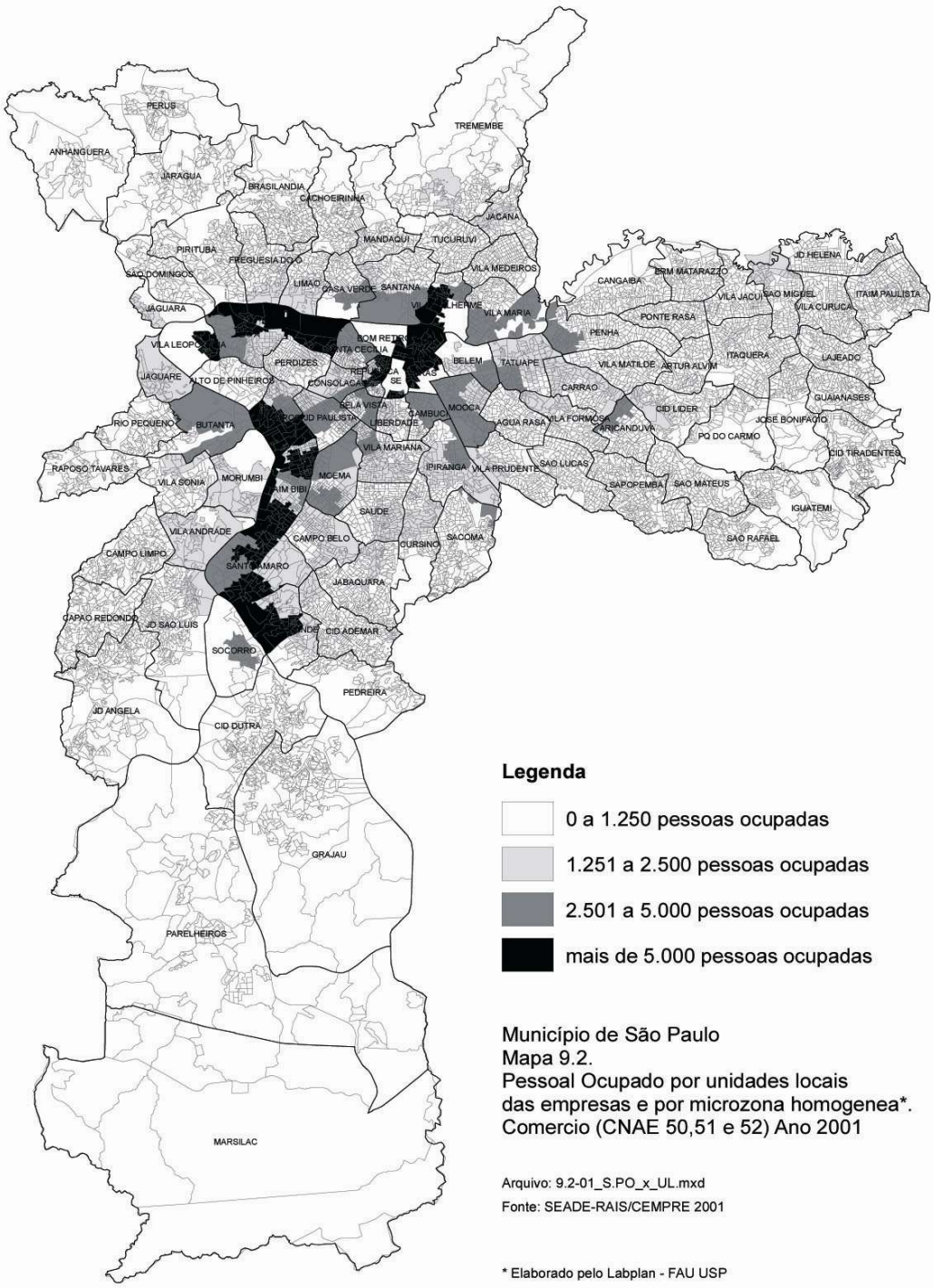


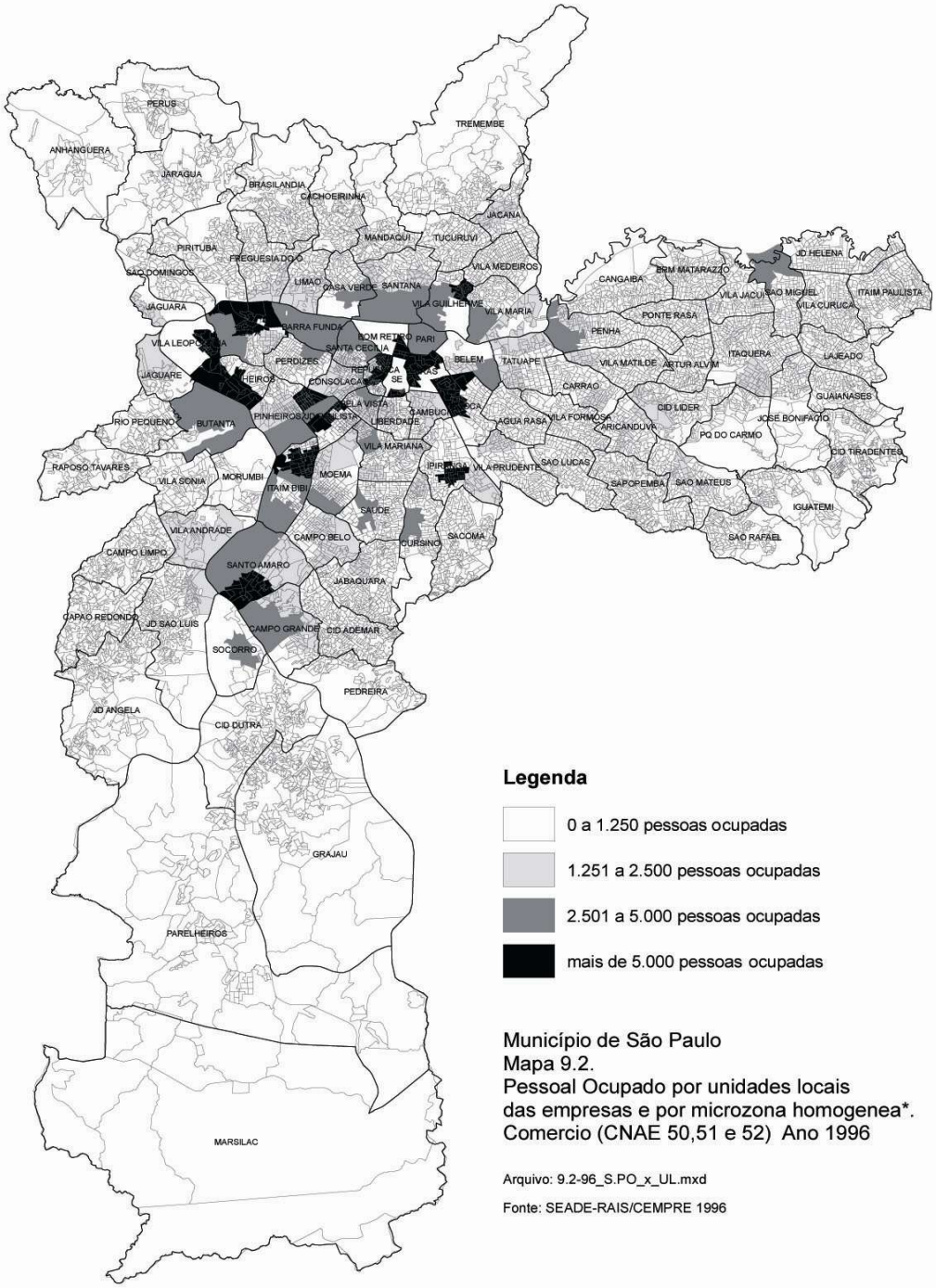
Município de São Paulo
Mapa 7.2.
Pessoal Ocupado nas unidades locais
das empresas por distrito.
Comércio (CNAE 50,51 e 52) - Ano 1996

Arquivo: 72-96.mxd

Fonte: SEADE-RAIS/CEMPRE 1996

* Elaborado pelo Labplan - FAU USP


PERUS
ANHANGUERA
JARAGUA
BRASILANDIA
CACHOEIRINHA
TREMEMBE
JACANA
MANDAQUI
TUCURUVI
PIRITUBA
FREGUESIA DO O
SAO DOMINGOS
LIMAO
CASA VERDE
SANTANA
VILA MEDEIROS
JAGUARA
VILA MARIA
VILA LEOPOLDINA
PERDIZES
BELEM
TATUAPE
JAGUARE
ALTO DE PINHEIROS
CONSOLACAO
SE
SELA VISTA
CAMBUCI
MOOCA
RIO PEQUENO
BUTANTA
LIBERDADE
AGUA RASA
VILA MARIANA
IPIRANGA
VILA PRUDENTE
RAPOSO TAVARES
VILA SONIA
MORUMBI
MOEMA
SAUDE
VILA ANDRADE
CAMPO BELO
CURSINO
SACOMA
CAMPO LIMPO
JABAQUARA
CAPAO REDONDO
JD SAO LUIS
CID ADEMAR
SOCORRO
PEDREIRA
JD ANGELA
CID DUTRA
GRAJAU
PARELHEIROS
MARSILAC
CANGAIBA
BRM MATARAZZO
JD HELENA
VILA JACUI
SAO MIGUEL
ITAIM PAULISTA
VILA CURUCA
PONTE RASA
PENHA
ITAQUERA
LAJEADO
VILA MATILDE
ARTUR ALVIM
CARRAO
GUAIANASES
CID LIDER
VILA FORMOSA
ARICANDUVA
JOSE BONIFACIO
PQ DO CARMO
CID TIRADENTES
SAO LUCAS
SAPOPEMBA
SAO MATEUS
IGUATEMI
SAO RAFAEL
Legenda
0 a 1.250 pessoas ocupadas
1.251 a 2.500 pessoas ocupadas
2.501 a 5.000 pessoas ocupadas
mais de 5.000 pessoas ocupadas
Município de São Paulo
Mapa 9.2.
Pessoal Ocupado por unidades locais
das empresas e por microzona homogenea*.
Comercio (CNAE 50,51 e 52) Ano 2001
Arquivo: 9.2-01_S.PO_x_UL.mxd
Fonte: SEADE-RAIS/CEMPRE 2001
* Elaborado pelo Labplan - FAU USP



Município de São Paulo
Mapa 9.2.
Pessoal Ocupado por unidades locais
das empresas e por microzona homogenea*.
Comercio (CNAE 50,51 e 52) Ano 1996

Arquivo: 9.2-96_S.PO_x_UL.mxd

Fonte: SEADE-RAIS/CEMPRE 1996

* Elaborado pelo Labplan - FAU USP

Bibliografia

ARAUJO, Maria de Fátima Infante. Mapa da Estrutura Industrial e Comercial do estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, números 1-2. Revista da Fundação Seade, 1999.

ASPLAN, Daily, GPI, Neves e Paolielo. **PMDI-GSP - Plano metropolitano de desenvolvimento integrado da Grande São Paul**o. São Paulo: 1970

ASPLAN, Daily, Montreal, Wilbur Smith. **PUB - Plano Urbanístico Básico de São Paulo**. São Paulo: 1968

BESSA, Vagner de Carvalho, TURPIN, Maria Elena, SINDER, Mauro. Estrutura econômica e tecnológica do comércio. In **São Paulo em Perspectiva**, Volume 13, número 2, jan – jun 1999. São Paulo. Fundação SEADE.

BESSA, Vagner de Carvalho. **O setor de serviços às empresas**. São Paulo: CEBRAP, 2004.

CACCIAMALI, M.C. O mercado de trabalho sob a globalização.In, **Globalização e estrutura urbana**. SCHIFFER, S.R. (org.). São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2004.

CALDEIRA, T. **Cidade dos muros: crime segregação e cidadania.** São Paulo, Edusp: 2000.

COMIN, Álvaro Augusto e AMITRANO, Cláudio Roberto. **The tertiary illusion: economic restructuring in São Paulo in the 1990s**. Artigo .

MEYER, Regina Maria Prosperi, GROSTEIN, Marta Dora e BIDERMAN, Ciro. **São Paulo Metrópole.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p.110.

NOBRE, Eduardo. **Expansão Terciária e novas centralidades nas cidades globais: o caso da marginal do Rio Pinheiros em São Paulo**. ANPUR

NOBRE, Eduardo. **Reestruturação econômica e território**. Tese de doutorado apresentada a FAUUSP. São Paulo: 2000.

NOTÍCIAS FAPESP, setembro/1999, n. 46

ROLNIK, Raquel. **Reestruturação Urbana da Metrópole Paulistana: analise de territórios em transição**. São Paulo: Pólis, 2000

SAGMACS Sociedade de Analises Gráficas e Mecanográficas Aplicada aos Complexos Sociais. **Aglomeração Urbana de São Paulo**. São Paulo: 1957, datilografado.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute. 1998.

WHITAKER FERREIRA. João Sette. **São Paulo: O mito da cidade-global**. Tese de doutorado apresentada a FAUUSP. São Paulo: 2003.

Mapas

Mapa 7.2 de 1996 - Pessoal ocupado nas unidades locais das empresas por distrito – Comércio (CNAE 50, 51 e 52).

Mapa 7.2 de 2001 – Pessoal ocupado nas unidades locais das empresas por distrito – Comércio (CNAE 50, 51 e 52).

Mapa 9.2 de 2001 – Pessoal ocupado nas unidades locais das empresas por microzona homogênea – Comércio (CNAE 50, 51 e 52).

Mapa 9.2 de 1996 – Pessoal ocupado nas unidades locais das empresas por microzona homogênea – Comércio (CNAE 50, 51 e 52)

Mapa 12.52 de 2001 - Valor adicionado por microzona homogênea. Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos. (CNAE 52).

Mapa 12.52 de 1996 – Valor adicionado por microzona homogênea. Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos. (CNAE 52).

Tabelas

Tabela 1- Pessoal ocupado em 1996 e 2001, por setor de atividade

Tabela 2 - Evolução do comércio varejista de São Paulo – Capital

Tabela 3 - Evolução dos segmentos do comércio varejista de São Paulo –Capital

Tabela 4 – receita líquida dos principais ramos de atividade das grandes empresas

Tabela 5 – receita líquida dos principais ramos de atividade das demais empresas .

ACMLM, julho de 2005